



Presidência da República
Assessoria para as Relações Internacionais

(Versão final)

Intervenção

De Sua Excelência o Presidente da República
na XXIII Cerimónia de atribuição do
Prémio Norte-Sul do Conselho da Europa

Reunimo-nos hoje, de novo, para a entrega do Prémio Norte-Sul do Conselho da Europa.

O facto de esta cerimónia se repetir anualmente não lhe retira significado, de modo algum.

Pelo contrário.

À semelhança das grandes efemérides da História dos países ou do mundo, das datas marcantes das instituições nacionais ou internacionais, a atribuição anual do Prémio Norte-Sul, desde 1995, é a prova da sua



Presidência da República

Assessoria para as Relações Internacionais

perenidade – e de que, passadas mais de duas décadas, este Prémio mantém uma profunda atualidade.

Porque o diálogo entre o Sul e o Norte continua a ser – e muito bem – uma prioridade estratégica do Conselho da Europa e Portugal sente-se honrado por constituir a sede do Centro e da simbólica atribuição do Prémio.

Porque este diálogo e este encontro de culturas e civilizações são hoje mais prementes do que nunca.

Na verdade, no tempo da globalização, em que tantas vezes se privilegia o contacto entre a Europa e as potências asiáticas, é essencial não perder de vista a exigência de fomentar o encontro, o diálogo, a convergência permanentes, com o hemisfério sul do planeta.

Num tempo marcado pelo flagelo dos fundamentalismos, a que a Norte se responde com populismos xenófobos e ultranacionalistas, devemos estar conscientes das implicações de tudo quanto fazemos.

As fronteiras, linhas artificiais que os Estados traçaram ao longo dos séculos, não têm qualquer valor quando lidamos com fenómenos como as migrações, o tráfico de seres humanos, os refugiados, as tragédias



Presidência da República
Assessoria para as Relações Internacionais

humanitárias, o terrorismo, a criminalidade transnacional, as alterações climáticas e outras ameaças ao planeta.

De que serviram as fronteiras aquando da tragédia de Chernobyl?
Acaso elas pararam as nuvens radioactivas vindas de Leste?

De que nos valeram as fronteiras quando um vulcão na Islândia mergulhou a Europa em cinzas e obrigou ao corte do tráfego aéreo?

Para que erguemos barreiras à entrada de seres humanos, vítimas de guerras e de desastres trágicos?

A instituição deste Prémio foi um acto de sabedoria.

Através dele, o Conselho da Europa demonstrou o seu humanismo universalista, o traço identitário que constitui a sua matriz e razão de ser, materializado na salvaguarda do princípio da dignidade da pessoa humana.

Essa dignidade humana não conhece fronteiras nem admite discriminações.

Como se lê na Constituição da República Portuguesa, em cuja votação tive a honra de participar e que muito recebeu do legado do Conselho da Europa:



Presidência da República

Assessoria para as Relações Internacionais

Ninguém pode ser privilegiado, beneficiado, prejudicado, privado de qualquer direito ou isento de qualquer dever em razão de ascendência, sexo, raça, língua, território de origem, religião, convicções políticas ou ideológicas, instrução, situação económica, condição social ou orientação sexual.

O princípio da não-discriminação encontra-se exemplarmente plasmado neste Prémio, onde entre os galardoados deparamos com mulheres e homens de todos os pontos do mundo, sem distinções de qualquer espécie.

Também este ano, os galardoados – uma mulher da Finlândia, um homem do Quénia – cumprem os critérios de pluralismo e de inclusividade que constituem o traço definidor do Prémio Norte-Sul.

De comum, Abbas Gullet e Kristiina Gumpula têm o facto de trabalharem para a Cruz Vermelha. Além de um prémio atribuído a duas personalidades que se destacaram pelos seus notáveis dotes pessoais e institucionais, o galardão deste ano distingue também uma organização, a Cruz Vermelha Internacional, que, cumprindo o sonho de Henri Dunant, realiza há muitas décadas um trabalho humanitário absolutamente ímpar.



Presidência da República

Assessoria para as Relações Internacionais

O Prémio distingue os valores da democracia pluralista, da interdependência global e da solidariedade.

Os galardoados deste ano, pelo trabalho que têm feito nos respectivos países mas também noutras regiões e a nível internacional, são credores da admiração e respeito de todos nós.

Como Presidente da República Portuguesa, uma democracia inclusiva e uma sociedade aberta e inclusiva, quero dizer apenas aos premiados duas palavras simples, mas sentidas e emocionadas: muito obrigado.

Muito obrigado, Senhora Kristiina Gumpula.

Muito obrigado, Senhor Abbas Gullet.